



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Eduarda Loureiro Pereira

***Stalking Pós-Rutura e Sintomatologia Psicopatológica: O
Papel Moderador do Suporte Social Online***

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Célia Ferreira
e sob a coorientação da
Professora Doutora Carla Antunes

dezembro de 2022



Eduarda Loureiro Pereira

***Stalking Pós-Rutura e Sintomatologia Psicopatológica: O
Papel Moderador do Suporte Social Online***

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 16/12/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Professora Doutora Ana Rita Conde Dias (Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto).

Arguente: Professora Doutora Andreia Patrícia Guimarães Machado (Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto).

Orientador: Professora Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Professora Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto).

dezembro de 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

As minhas primeiras palavras vão para a Professora Doutora Célia Ferreira (orientadora) e para a Professora Doutora Carla Antunes (coorientadora), agradecer pela sabedoria, profissionalismo, encorajamento nos momentos difíceis, exemplos de dedicação, disponibilidade e acessibilidade com que me acompanharam ao longo desta jornada.

Um agradecimento enorme aos meus pais e irmão por acreditarem em mim e apoiarem-me em todas as minhas decisões. Especialmente, à minha mãe, Maria José, por ser uma guerreira e a minha maior fonte de força, motivação e inspiração ao longo destes 5 anos. Obrigada, mãe, por tornares tudo isto possível e me ajudares a concretizar os meus sonhos, a ti devo tudo aquilo que sou.

Ao meu namorado, Rubinho, por toda a paciência, suporte e amor que sempre me dedicou ao longo desta caminhada, partilhando comigo a aspiração de querer ser sempre mais e melhor.

Aos meus amigos que sempre estiveram do meu lado, que me motivaram, incentivaram, acreditaram em mim e me apoiaram de forma incondicional. Particularmente a Manarte, companheira desta viagem, pela amizade nos bons e maus momentos, disponibilidade, palavras de coragem e apoio.

Por fim, a todos aqueles que cooperaram na realização deste projeto, tornando-o possível.

Stalking Pós-Rutura e Sintomatologia Psicopatológica: O Papel Moderador do Suporte Social Online

Resumo

A investigação é consensual e consistente no que se refere ao impacto negativo das experiências de *stalking* pós-rutura, nomeadamente, no que se refere ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica, como ansiedade e depressão. O investimento empírico, tanto a nível nacional como internacional, tem privilegiado a análise das consequências negativas das experiências de vitimação e negligenciado o papel dos fatores protetores nesta relação, nomeadamente, o suporte social *online*. Embora o suporte social *online* seja alvo de investimento científico em alguns países, noutros, incluindo Portugal, este domínio da investigação permanece quase inexplorado. O presente estudo tem como objetivo fulcral compreender o papel moderador do suporte social *online* na relação entre experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura e sintomatologia psicopatológica. A amostra foi constituída por 200 participantes adultos, dos quais 154 eram do sexo feminino (77.4 %) e 45 do sexo masculino (22.6 %), com idades compreendidas entre os 18 e os 56 anos ($M = 25.05$, $DP = 5.63$). Para a concretização do estudo os dados foram recolhidos *online*, através da aplicação de um questionário sociodemográfico, do Inventário de Vitimação por *Stalking*, da versão adaptada do Inventário de Sintomas Psicopatológicos e da versão traduzida do *Online Social Support Scale*. Os resultados obtidos não relevaram efeitos de moderação estatisticamente significativos. Contudo, foi possível constatar que existem efeitos diretos na relação entre sintomatologia ansiosa, *stalking* pós-rutura e suporte informacional apenas presente no subgrupo da amostra composto por vítimas. Este estudo reforçou a necessidade de um maior investimento ao nível da investigação neste domínio, dando importância não só às idiossincrasias deste tipo específico de vítimas, como às suas necessidades e às potencialidades do suporte social *online*.

Palavras-chave: *stalking* pós-rutura, sintomatologia psicopatológica, ansiedade, depressão, suporte social *online*

Post-Breakup Stalking and Psychopathological Symptomatology: Moderating Role of Online Social Support

Abstract

The current research is consensual and consistent, it does not refer to the negative impact of a post-breakup stalking experience, neither does it refer to the development of psychopathological symptoms, such as anxiety and depression. The empirical investment, both nationally and internationally, has given privilege to the analysis of the consequences in experiences of victimization. In addition, it has also neglected the role of protectors in this relationship, namely, online social support. Although online social support is the target of scientific investment in many countries, in other scenarios, including Portugal, this field of research remains almost unexplored. The main purpose of the present study is to understand the moderating role of online social support in the relationship between the experience of victimization by post-breakup stalking and psychopathological symptoms. The sample consisted of 200 participants, of which 154 were female (77.4%), with ages between 18 and 56 years ($M = 25.05$, $SD = 5.63$). For the fulfillment of this thesis, the present data was collected online, through the application of an online sociodemographic event of Victim was analyzed - an adapted version of the Psychopathology Symptom Inventory and the online help tool. The obtained result did not reveal any consequential statistic moderation effects. Nevertheless, it was verified there are immediate effects in the relationship between anxious symptoms, post-breakup stalking and informational support, only present in the subgroup of the sample composed by victims. This study reinforced the need for research-level investment, giving importance not only to the idiosyncrasies of this specific type of victims, but also to their needs and the greater potential of online social support.

Keywords: post-breakup stalking, psychopathological symptomatology, anxiety, depression, online social support

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Enquadramento Teórico	1
Stalking: Definição e Cenários de Manifestação	1
Stalking Pós-Rutura: Especificidades e Impacto na Saúde Mental	2
O Papel do Suporte Social Face a Experiências de Vitimação.....	4
Método.....	9
Amostra	9
Instrumentos	10
Procedimento	11
Resultados.....	12
Medidas Descritivas das Variáveis em Estudo.....	12
Vitimação por Stalking Pós-rutura e Sintomatologia Psicopatológica: Análise de Correlações	13
Vitimação por stalking pós-rutura, sintomatologia psicopatológica e suporte social online: Testes de moderação.....	13
Discussão	15
Referências bibliográficas	21

Índice de Tabelas e Figuras

Tabelas

Tabela 1: Caraterização Sociodemográfica da Amostra	9
Tabela 2: Medidas Descritivas das Variáveis em Estudo: <i>Stalking</i> Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica	12
Tabela 3: <i>Stalking</i> Pós-Rutura e Sintomatologia Psicopatológica: Análises de Correlação	13
Tabela 4: Vitimação por <i>Stalking</i> Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Ansiedade) e Suporte Social <i>Online</i>	13
Tabela 5: Vitimação por <i>Stalking</i> Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Depressão) e Suporte Social <i>Online</i>	14
Tabela 6: Vitimação por <i>Stalking</i> Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Ansiedade) e Suporte Social <i>Online</i>	15
Tabela 7: Vitimação por <i>Stalking</i> Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Depressão) e Suporte Social <i>Online</i>	15

Figuras

Figura 1: Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica	8
---	---

Lista de Abreviaturas / Acrónimos

BSI – Inventário de Sintomas Psicopatológicos

BSI_ANS – Sintomatologia Ansiosa

BSI_DEP – Sintomatologia Depressiva

IVS – Inventário de Vitimação por *Stalking*

ESSO – Suporte Social *Online*

ESSO_SEmoc – Apoio Emocional

ESSO_CompSoc – Companheirismo Social

ESSO_SInf – Suporte Informacional

ESSO_Inst – Suporte Instrumental

OSSS - *Online Social Support Scale*

SPSS - *Statistical Program for Social Sciences v28*

Enquadramento Teórico

***Stalking*: Definição e Cenários de Manifestação**

Quando comparado a outras dinâmicas de violência interpessoal, o *stalking* apenas se manifestou como tema de relevância mais recentemente em Portugal, comparativamente a outros países do mundo.

Atualmente, é reconhecido o caráter multifacetado e amplo deste fenómeno, caracterizado por um padrão de persistência pautado por comportamentos de assédio, perseguição e controlo e evidenciado através de distintas formas de comunicação, contacto, vigilância e monitorização de uma pessoa-alvo. Os comportamentos manifestados podem expressar práticas rotineiras e aparentemente inofensivas (i.e., oferta de um presente, telefonemas reiterados) ou condutas intimidatórias (i.e., perseguição, mensagens hostis) (Grangeia & Matos, 2010). Legislativamente, o crime de *stalking* não é definido como um ato criminoso através de uma ação isolada (Ferreira & Matos, 2020), pelo que a agregação das anteriores ações, pela sua permanência e contexto, significa uma campanha de assédio que pode perturbar o bem-estar da vítima (Grangeia & Matos, 2010). No que concerne às dinâmicas de *stalking*, a literatura evidencia a propensão destas condutas se intensificarem, não só em frequência, como também em gravidade, tornando-se imperativo considerar o risco de violência potencialmente letal (Matos & Ferreira, 2018), especialmente, quando o(a) *stalker* é um(a) ex-companheiro(a) íntimo(a) (McFarlane et al., 2002).

De acordo com Pathé, Mullen e Purcell (2001), as vítimas de *stalking* não compõem um grupo homogéneo, pelo que os mesmos advogam a necessidade de tipificar tendo em conta critérios como a relação com o(a) *stalker* e o contexto de vitimação. Deste modo, definiram uma tipologia categorizando as vítimas de ex-parceiros(as) íntimos(as), isto é, os(as) ex-parceiros(as) manifestam a campanha de assédio após o término da relação e designam-se como o grupo mais propenso a exprimir ameaças e agressões físicas, com condutas de *stalking* mais prolongadas. Frequentemente, trata-se de um grupo de vítimas composto por indivíduos do sexo feminino, considerando-se uma experiência de vitimação com alta possibilidade de prevalência de comportamentos violentos ao longo da relação. Existe, ainda, alusão à existência das vítimas de conhecidos ou amigos, vítimas no contexto de uma relação profissional de apoio, vítimas em contexto profissional, vítimas de desconhecidos, figuras públicas e falsas vítimas. É significativo relevar que, ainda que tipificadas de forma autónoma, estas categorias não se excluem (Matos & Ferreira, 2018).

Em Portugal, contrariamente ao que se verifica internacionalmente, o reduzido reconhecimento legal e social do fenómeno, reflete-se na acentuada dificuldade da procura de apoio pelas vítimas de *stalking* (Matos et al., 2011a).

***Stalking* Pós-Rutura: Especificidades e Impacto na Saúde Mental**

Tendo por base os diferentes padrões de *stalking*, estudos na área sugerem que os comportamentos podem ser motivados pela relação prévia entre o(a) *stalker* e a vítima. Assim, de acordo com uma meta-análise composta por 175 estudos sobre *stalking*, a maioria substancial do fenómeno de violência interpessoal emerge de relacionamentos em que a vítima e o(a) *stalker* compartilhavam algum nível de conhecimento, convergindo na categoria de parceiros românticos (Spitzberg e Cupach, 2007). Os investigadores assumem que, quando perpetrados por ex-parceiros(as) íntimos(as), estes(as) recorrem a uma multiplicidade de estratégias, concorrendo num maior risco de violência (não só física como também psicológica), de persistência, de reincidência desta conduta e, conseqüentemente, de maior dano psicossocial para a vítima (Ferreira & Matos, 2013a, 2013b; Matos et al., 2011a; Sheridan & Lyndn, 2012).

Ao nível da literatura internacional, as condutas de *stalking* pós-rutura assumem-se como um fator de risco significativo que promove tipos de violência potencialmente letais (Logan & Walker, 2009; McFarlane et al., 2002). Um estudo sobre vítimas de *stalking*, das quais 68% foram perseguidas por um(a) ex-parceiro(a) íntimo(a), concluiu que 78% apresentavam níveis de sintomatologia que indicavam presença de pelo menos um transtorno psiquiátrico. O mesmo estudo descobriu que as pontuações médias relativas às escalas para sintomas somáticos, ansiedade e depressão eram compatíveis com os quadros das populações de pacientes psiquiátricos (Blaauw et al., 2002). Com o intuito de validar os resultados de estudos internacionais sobre o presente fenómeno de violência interpessoal em Portugal, Ferreira e Matos (2013b), desenvolveram um inquérito com uma amostra de 104 mulheres vítimas de *stalking* pós-rutura e concluíram que, em média, o elemento feminino da (ex)díade sofreu, com uma elevada frequência, mais de 18 comportamentos de *stalking* distintos e, ainda, averiguaram que mais de metade da amostra experienciou condutas fisicamente violentas durante a campanha de perseguição. Assim, depreende-se que uma maior proximidade relacional entre a vítima e o(a) *stalker*, reflete-se não só numa perseguição mais prolongada e diversificada, como também num esquema de poder e controlo que pode ser justificado pelo maior conhecimento que o(a) *stalker* tem no que diz respeito às rotinas da vítima (Matos et al., 2019). Nesta perspetiva, é possível definir o término da relação como o período mais suscetível para a ocorrência deste fenómeno enquanto padrão distinto de

violência, o que é corroborado por estudos de prevalência sobre *stalking* que alegam existir um frequente envolvimento de pessoas que se conhecem bem e a subsistência de um relacionamento anterior (Spitzberg e Cupach, 2007). A ambição de manter ou recuperar o controle sobre a vítima, reestabelecer a relação ou a motivação pela retaliação e vingança poderão justificar este tipo de vitimação (Matos & Ferreira, 2018; Spitzberg, 2016).

A gravidade das consequências experienciadas levou os autores a denominarem a vitimação por *stalking* como “terrorismo psicológico” (Hall, 1998, como citado em Grangeia & Matos, 2010). Estas condutas inadequadas, desajustadas e não consentidas pelas vítimas, em virtude da sua persistência poderão interferir com a segurança e liberdade das mesmas. Por consequência, podem estimular sentimentos negativos que influenciam o normal funcionamento da vítima, prejudicando-a a diversos níveis, nomeadamente, ao nível psicológico (Matos et al., 2019; Spitzberg, 2016). Estes comportamentos de vitimação podem promover diversas consequências, fomentando danos significativos associados a dimensões de desajustamento psicológico, nomeadamente, medo, hipervigilância, desconfiança e sentimentos de abandono, desespero ou falta de controle (Matos & Ferreira, 2018). A literatura referencia, ainda, potenciais distúrbios psicopatológicos, particularmente, sintomas depressivos, perturbações de ansiedade e, além disso, perturbação de stresse pós-traumático (Grangeia & Matos, 2010; Matos & Ferreira, 2018; Spitzberg, 2016). Na sequência de um estudo realizado com mulheres vítimas de *stalking* pós-rutura, a generalidade das participantes, mencionou sentimentos de medo (91%) e que a conduta do ex-parceiro influenciou de forma negativa a sua vida (92,1%). No decorrer do mesmo estudo, as autoras constatarem que cerca de 42.3% das vítimas, foram identificadas com desajustamento com relevância clínica (Ferreira & Matos, 2013b).

Globalmente, a literatura evidencia que a experiência de vitimação por *stalking* está associada a um significativo sofrimento psíquico (Spitzberg e Cupach, 2007). Além disto, inúmeros estudos afirmam que vítimas de *stalking* pós-rutura com histórico de violência no relacionamento estão predispostas a um sofrimento psicológico mais intenso, comparativamente a vítimas sem histórico de violência na relação de intimidade (Brewster, 2002). No âmbito de um estudo realizado por Brewster (2002), cuja amostra era constituída por 187 mulheres vítimas de *stalking* perpetrado pelo ex-parceiro, foi possível identificar uma relação entre a experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura e a presença de sintomatologia, nomeadamente, nas vítimas que revelaram a existência de comportamentos violentos na anterior relação, assim, foi possível identificar níveis aumentados de angústia. Adicionalmente, o mesmo autor concluiu que a ocorrência de ameaças explícitas por parte de

ex-parceiros violentos culmina no aumento significativo de sofrimento psicológico. Neste domínio da literatura, foi, ainda, possível identificar três fatores que devem ser considerados na avaliação de dano psicológico aquando da ocorrência de *stalking* pós-rutura. Deste modo, será importante considerar como primeiro fator a perda de controlo e a imprevisibilidade da experiência de perseguição, uma vez que, estes fatores desempenham um papel significativo no aumento da sintomatologia ansiosa e do medo, pois as vítimas de *stalking* recebem evidências contínuas de que existe outra pessoa (*stalker*) que controla a sua vida.

Adicionalmente, a integridade física e psicológica mostra-se ameaçada quando as expectativas não se cumprem de acordo com o previsto, principalmente, em experiências de *stalking* pós-rutura, quando ocorre o término da relação e existem expectativas de afastamento de ambos os elementos envolvidos na díade. Por último, o isolamento social também se manifesta como um fator capaz de potenciar desajustamento psicológico visto que as mulheres vítimas de *stalking* pós-rutura, não raras vezes, tendem a afastar-se das suas redes sociais em virtude de reações como o medo e a vergonha e da preocupação com a segurança dos seus familiares e amigos (Logan & Walker, 2009).

O Papel do Suporte Social Face a Experiências de Vitimação

Globalmente, a investigação nas diversas áreas das ciências sociais e humanas tem vindo a sustentar o papel protetor do suporte social face a experiências de adversidade (Siqueira, 2008).

No decurso dos últimos anos, inúmeras investigações evidenciam o suporte social como um potencial “amortecedor” de impactos mais agravados e, concomitantemente, alertam para a sua relevância em contextos de vitimação (Banyard et al., 2017). No âmbito de uma revisão sistemática realizada por Ogbe e colaboradores (2020), com o objetivo de identificar e avaliar as potencialidades do suporte social na violência nas relações na intimidade com foco na melhoria dos resultados de saúde mental das vítimas, os autores consideraram que o suporte social foi um fator importante na mitigação e moderação das consequências da vitimação e na melhoria dos resultados de saúde.

Embora existam múltiplas tipologias e definições para o suporte social, uma das mais utilizadas e referenciadas é a de Cobb (1976), que apresenta o constructo como a informação pertencente a uma ou mais das classes subsequentes: i) informação que permite ao indivíduo reconhecer que é amado e prezado pelos que o rodeiam; ii) informação que conduz o sujeito a crer que tem significância e é estimado pelos demais e iii) informação que prevê que o indivíduo se reconheça como pertencente a uma rede de comunicação e deveres recíprocos.

Recorrendo a um número robusto de evidências, o suporte social é referenciado como um mecanismo potencialmente eficaz de propiciar impactos positivos tanto na saúde física, como mental, protegendo os indivíduos em crise de estados patológicos (Cobb, 1976; Costa & Gomes, 2018; Liang et al., 2005; Ogbe et al., 2020). Este é entendido como um eventual agente poderoso na preservação e promoção da saúde mental e, por este motivo, iminentemente creditado de ser não só um redutor e/ou amortecedor de sofrimento psíquico no decorrer de experiências adversas, como também parece minimizar o recurso a psicofármacos e, conseqüentemente, acelerar a recuperação e facilitar o cumprimento dos regimes médicos prescritos (Cobb, 1976; Ogbe et al., 2020). No âmbito de um estudo realizado por Nguyen e os seus colaboradores (2012) com uma amostra de vítimas de *stalking*, concluiu-se que o suporte social desempenhou um papel significativo na mitigação dos efeitos negativos despoletados pela experiência de vitimação.

De acordo com a literatura neste domínio, esta função do suporte social tem vindo a ser explicada à luz de duas hipóteses explicativas distintas. Posto isto, a hipótese do Efeito Principal advoga que o suporte social, por si só, desempenha um papel benéfico/protetor, na medida em que o seu efeito é positivo independentemente do nível de *stress*. Por outro lado, o modelo de Suporte de *Buffering* assume que em contextos de crise/*stress*, concomitantemente com níveis reduzidos de suporte social, o *stress* produz efeitos mais negativos, comparativamente com condições de maior suporte social. Assim, os seus autores concentram-se nas funções que o suporte social pode exercer durante os momentos de crise como, por exemplo, minimizar a avaliação do *stress* e maximizar a consciência da capacidade de enfrentamento (Cohen & Wills, 1985).

Se, atualmente, é inquestionável o papel do suporte social na proteção da saúde mental das vítimas de violência em geral, mais recentemente, vários autores têm vindo a chamar a atenção para a potencial importância do suporte social no âmbito das relações em contexto *online*. Prevê-se que o carácter volátil do uso da *Internet*, em virtude da sua crescente expansão, e o surgimento das plataformas digitais facilitem o suporte social e a conexão dos indivíduos (Indian & Grieve, 2014). De acordo com Nick e colaboradores (2018), o suporte social *online* traduz-se na obtenção simples de auxílio tangível e intangível de amigos/as, família e os demais pertencentes ao círculo social do indivíduo, com recurso à *Internet*.

No âmbito da análise da literatura disponível sobre suporte social *online*, os investigadores levantaram a hipótese de que as interações sociais *online*, tal como aquelas que se estabelecem em contexto presencial, acarretam benefícios e também riscos. Tendo em conta a afirmação anterior, Nick e colaboradores (2018) estabeleceram que a crescente utilização da

Internet estava significativamente relacionada não só com o aumento dos níveis de vitimização *online*, mas também com o aumento do suporte social. Num estudo realizado por Valkenburg e Peter (2011) referente ao suporte social *online*, os autores apresentaram quatro motivos principais que justificam a procura do suporte social *online*, por parte dos indivíduos. Assim, salientam que reduz a distância social pela possibilidade da permanência de contacto; gera interações, convergindo para relacionamentos próximos e significativos; possibilita o acesso à procura e prestação de suporte e informações sobre questões sensíveis ao desenvolvimento, como a exploração da identidade e; o aumento do nível de anonimato. Adicionalmente, Cole e colaboradores (2017), num estudo desenvolvido com estudantes no âmbito do suporte social *online*, constataram que a autoapresentação através do mundo *online* se demonstra mais eficaz, na medida em que, oferece oportunidades de melhorar respostas sociais e restaurar/reiniciar a sua conta *online*.

Vários autores afirmam que as plataformas sociais *online* originaram grupos sociais generalizados que parecem operar de forma bastante semelhante às circunstâncias pessoais. O suporte social *online* e o suporte social “tradicional” não se substituem, mas completam-se mutuamente, sendo este ponto de vista partilhado por diversos autores (e.g., Reich et al., 2012). Todavia, existem fatores que distanciam o suporte social *online* do suporte social “tradicional”, tais como as limitações temporais, geográficas ou espaciais. Assim, indivíduos que usufruem de suporte social *online* não só podem beneficiar do mesmo ultrapassando obstáculos como a necessidade de presença física (Gaysynsky et al., 2015), como estimulam interações, mantendo-se continuamente em contacto com outros indivíduos (Ellison et al., 2007). Existe ainda a ideia de que o suporte social *online* potencia a diminuição das barreiras para a interação e fomenta a coragem para a autorrevelação (Tidwell & Walther, 2002 como citado em Ellison et al., 2007).

Um estudo mais recente (Nick et al., 2018), desenvolveu hipóteses explicativas para a obtenção do suporte social *online*, tendo por base os modelos explicativos do suporte social “tradicional”. Assim, o Modelo de Efeito Principal sugere que redes sociais maiores, definidas como aquelas que fornecem interações fortes e frequentes sobre uma variedade de tópicos, promovam laços e forneçam um papel gratificante na comunidade, o que resulta em níveis elevados de suporte social percebido e bem-estar psicológico aumentado. Acredita-se que a integração de suporte de várias fontes afete as percepções de autoestima, atendendo às necessidades básicas de afiliação, respeito, pertencimento e reconhecimento social. Em contrapartida, o Modelo de Suporte de *Buffering*, neste contexto, assume como pressuposto que os indivíduos procuram recursos externos de suporte quando os meios de suporte atuais

não se revelam eficazes, isto é, os meios de suporte tradicionais são considerados insuficientes. Os autores observaram que o Modelo de *Buffering* pressupõe uma relativa falta de companheirismo, quer isto dizer, uma rede de suporte presencial reduzida.

Pese embora alguma controvérsia, é relativamente consensual que, apesar de modos distintos, tanto o suporte social *online* como o suporte social “tradicional”, representam um importante recurso que pode compensar alguns dos efeitos adversos da história de vida, no que diz respeito às adversidades da vitimização, principalmente, os pensamentos e sentimentos depressivos (Cole et al., 2017; Longman et al., 2009).

Nick e colaboradores (2018), recorreram às teorias e estudos anteriores de suporte social “tradicional”, de modo a desenvolver a Escala de Suporte Social *Online*. A mesma foi construída de modo a representar os quatro principais tipos de suporte social *online* que ainda hoje subsistem na literatura do suporte social “tradicional”. Por conseguinte, as categorias denominam-se por: suporte/apoio emocional, que transmite senso de valor e valida os sentimentos de outrem; companheirismo social, cujas interações com outros indivíduos auxiliam na distração de problemas e, conseqüentemente, criam emoções positivas; suporte informativo, assente na discussão de um determinado fenómeno que dissuade ou neutraliza a ansiedade e, por fim; suporte instrumental, que visa disponibilizar bens e/ou serviços tangíveis a melhorar a vida ou situação de alguém. Tendo em conta o estudo desenvolvido pelos autores supracitados, é possível afirmar que os principais subtipos de suporte social que operam no contexto presencial, também se verificam no mundo *online*.

Posto isto, a *Internet* oferece um modo alternativo de o mundo partilhar interesses e objetivos relacionais, concorrendo para a redução da ansiedade social, com o intuito de experienciar interação e companheirismo social que poderá faltar quando não se encontram em contexto *online* (Morahan-Martin & Schumacher, 2003, como citado em Indian & Grieve, 2014).

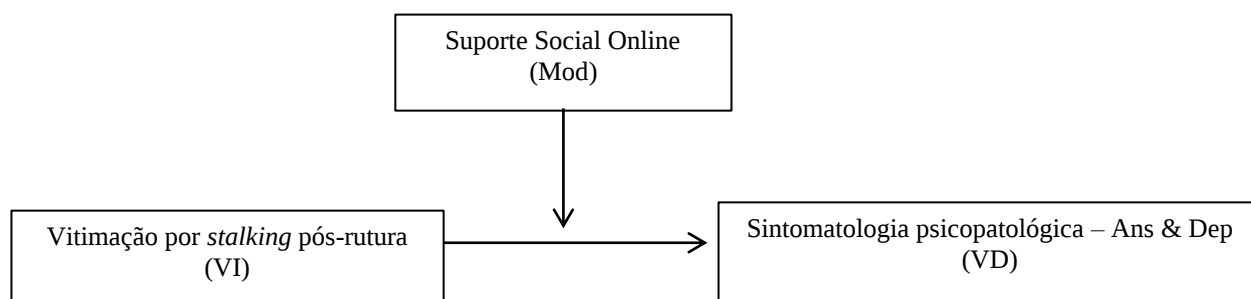
Em suma, a relação prévia entre a vítima e o(a) *stalker* é um preditor significativo de uma ampla gama de comportamentos de perseguição, recorrendo a comportamentos mais perigosos e de maior duração e, conseqüentemente, utilizam estratégias altamente intrusivas e ameaçadoras e formas graves de violência que, por conseguinte, predis põem o desenvolvimento de custos associados ao nível físico, social, económico e, de um modo mais agravado, ao nível psicológico (Matos et al., 2019). Como referido anteriormente, existe um corpo substancial de investigação que, de forma consistente, evidencia o papel do suporte social como “amortecer” dos impactos mais agravados de experiências de adversidade e, simultaneamente, em contextos de vitimação (Banyarda et al., 2017).

Neste sentido, tendo por base a revisão bibliográfica efetuada para o efeito do presente estudo e, nomeadamente, considerando uma das principais lacunas identificadas na literatura sobre as potencialidades do papel suporte social no contexto *online*, impõe-se o desenvolvimento de investigação que permita a evolução de conhecimento fundamentado sobre a (i) experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura, considerando a especificidade deste tipo de violência interpessoal, o impacto para as respetivas vítimas e a escassez da evidência empírica neste domínio; e a (ii) análise o papel moderador do suporte social *online* na proteção deste grupo específico de vítimas pois, embora persistam evidências crescentes de que os indivíduos usufruem da *Internet* para expandir as suas redes sociais, trabalhar e receber suporte social, é diminuta a informação sobre como o fazem e a representatividade dos níveis gerais de apoio social.

Tendo por base os argumentos teóricos supramencionados, apresentamos de imediato o esquema do modelo de moderação para a associação das variáveis em estudo que pretendemos analisar:

Figura 1

Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica



Hipótese 1: A experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura está positivamente correlacionada com a sintomatologia psicopatológica;

Hipótese 2: O suporte social *online* modera a relação entre a experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura e sintomatologia psicopatológica, esperando-se que o efeito deste tipo de vitimação na sintomatologia seja menor em condições de elevado suporte social *online*.

Método

Amostra

Para a realização deste estudo foi recrutada uma amostra na comunidade, composta por 200 participantes adultos, na sua maioria (77.4%) do sexo feminino e com idades compreendidas os 18 e os 56 anos ($M = 25.05$, $DP = 5.63$). Tal como se ilustra na Tabela 1, a maioria dos participantes residia no distrito de Braga (54.3%), eram solteiros (91.5%) e encontravam-se a estudar (38.7%) ou a trabalhar a tempo inteiro (42.2%).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra

	M (DP; Min., Max.) / % (N)
Sexo	
Feminino	77.4 (154)
Masculino	22.6 (45)
Idade	25.05 (6.53; 18; 56)
Nacionalidade	
Portuguesa 99 (148)	99 (198)
Outra 1% (2)	1 (2)
Distrito de residência	
Aveiro	12.1 (24)
Braga	54.3 (108)
Bragança	.5 (1)
Coimbra	1.0 (2)
Évora	.5 (1)
Faro	1.5 (3)
Leiria	2.0 (4)
Lisboa	4.0 (8)
Portalegre	.5 (1)
Porto	17.6 (35)
Santarém	.5 (1)
Setúbal	2.0 (4)
Viana do Castelo	1.0 (2)
Vila Real	1.0 (2)
Viseu	1.0 (2)

R.A. Açores	.5 (1)
Estado civil	
Solteiro	91.5 (183)
Casado	6.5 (13)
Divorciado	1.5 (3)
Viúvo	.5 (1)
Envolvimento amoroso	
Sem RI	34.0 (68)
Com RI, sem coabitação	47.0 (94)
Com RI, com coabitação	19.0 (38)
Condição escolar/profissional atual	
Estudante	38.7 (77)
Trabalhador	42.2 (84)
Trabalhador /Estudante	15.1 (30)
Desempregado	4.0 (8)

Nota. Os N's totais variam ligeiramente devido aos *Missing Values* e, por isso, são reportadas as percentagens válidas.

Instrumentos

Para a realização deste estudo foi utilizado um protocolo de instrumentos de autorrelato, constituído por:

Questionário sociodemográfico. Desenvolvido especificamente para este estudo, com a finalidade de recolher dados sociodemográficos da amostra. É constituído pelas seguintes questões: sexo, idade, nacionalidade, distrito/região de residência, naturalidade, estado civil, envolvimento amoroso/relacional atual, habilitações literárias, condição escolar/profissional atual.

Inventário de Vitimação por *Stalking* (IVS; Matos et al., 2009). Este instrumento de autorrelato, do tipo inventário comportamental, permite caracterizar experiências de vitimação por *stalking*. No caso específico deste estudo, os participantes foram instruídos a responder apenas com base nas experiências de intimidade relacional passadas (já terminadas). É constituído por 11 itens, representativos de comportamentos de *stalking* “típicos”, respondidos numa escala de frequência *Likert* de cinco pontos, desde *Nunca* (0) e *Muitíssimas vezes* (4). A consistência interna da escala total no presente estudo foi de .83.

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI; Degoratis, 1982, versão adaptada para a população portuguesa por Canavarro, 2007). Corresponde a um instrumento de autorrelato,

selecionado para avaliação de sintomatologia psicopatológica. Embora seja constituído por 53 itens na sua versão original e completa, neste estudo foram apenas utilizados os itens relativos à subescala de depressão (6) e à subescala ansiedade (6). Os itens são respondidos numa escala de *Likert* com 5 pontos, desde *Nunca* (0) a *Muitíssimas vezes* (4). Em cada uma das subescalas, valores mais elevados são indicativos de níveis superiores de sintomatologia. No que concerne a consistência interna da subescala de depressão foi de .91 e da subescala de ansiedade foi de .86.

Online Social Support Scale (OSSS; Nick et al., 2018; traduzida por Ferreira et al., 2019).

Este instrumento de autorrelato foi designado para a avaliação do suporte social percebido em contexto *online*. É constituído por quatro subescalas (Estima/Apoio Emocional, Companheirismo Social, Suporte Informacional e Suporte Instrumental), num absoluto de 40 itens, cotados numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos, desde *Nunca* (0) a *Bastante* (4). Em cada subescala e no resultado global, resultados mais elevados são representativos de níveis superiores de suporte social percebido em contexto *online*. Por fim, no que diz respeito à consistência interna das distintas subescalas, estas apresentam-se seguidamente: .94 no suporte emocional; .95 no companheirismo social; .96 no suporte informacional; .94 no suporte instrumental.

Procedimento

O presente estudo integra um projeto de investigação mais alargado, intitulado “Vitimação nas relações de intimidade e saúde mental na idade adulta: O papel de variáveis individuais e sociocognitivas” e realizado em parceria por investigadores da ULP, ISCTE-IUL e ICS-UL. O projeto alargado foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para Investigação Científica (CEDIC) da FPED-ULP.

Considerando a importância de analisar o suporte social em contexto *online*, procedeu-se à tradução da escala original, OSSS (*Online Social Support Scale*; Nick et al., 2018; traduzida por Ferreira et al., 2019).

A recolha de dados decorreu *online*, entre novembro de 2021 e maio de 2022 através da disponibilização do protocolo de instrumentos numa plataforma informática específica para o efeito (*GoogleForms*). O *link* para o respetivo preenchimento foi divulgado através de contactos institucionais e através de redes sociais, procurando-se alcançar um maior número de pessoas possível. Na apresentação do estudo foram expostos, de modo claro, os objetivos, as condições e o carácter anónimo e voluntário da participação. Foi ainda disponibilizado um contacto de *e-mail* para futuros contactos dos participantes com a equipa de investigação. O

consentimento informado foi apresentado na primeira página do protocolo e recolhido através da seleção de uma opção específica (única questão obrigatória no formulário *online*).

Posteriormente à recolha, os dados foram importados para uma base de dados e analisados através do *software IBM SPSS Statistics* (SPSS, versão 26.0). Num primeiro momento, realizou-se a análise descritiva das variáveis em estudo e analisou-se a consistência interna das medidas selecionadas para a amostra recolhida, através do cálculo dos *Alfas de Croanbach*. Em seguida, com o objetivo de testar as hipóteses apresentadas, utilizaram-se testes de associação (Hipótese 1) e modelos de regressão linear (Hipótese 2). De referir que, no caso específico da segunda hipótese, foi utilizado o *Process* (uma macro disponível para o SPSS). Em todos os casos, considerou-se um nível de significância de .05.

Resultados

Medidas Descritivas das Variáveis em Estudo

A Tabela 2 apresenta as medidas descritivas das variáveis em estudo: vitimação por *stalking* pós-rutura (IVS_Total), sintomatologia psicopatológica (BSI_Ansiedade e BSI_Depressão) e suporte social *online* (ESSO_Apoio Emocional, ESO_Companheirismo Social, ESO_Suporte Informacional e ESO_Suporte Instrumental).

Tabela 2

Medidas Descritivas das Variáveis em Estudo: Stalking Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica, Suporte Social Online

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Max</i>
IVS	Total	1.35	2.06	0	11
BSI	Ansiedade	6.33	5.12	0	22
	Depressão	6.05	5.71	0	24
ESSO	Apoio Emocional	23.14	8.34	0	40
	Companheirismo Social	24.44	9.03	0	40
	Suporte Informacional	22.71	9.32	0	40
	Suporte Instrumental	17.61	9.85	0	40

Nota. IVS – *Stalking* Pós-Rutura; BSI – Ansiedade e Depressão, ESO – Suporte Social Online

Vitimação por *Stalking* Pós-rutura e Sintomatologia Psicopatológica: Análise de Correlações

Apresentam-se na Tabela 3 os resultados relativos às correlações entre a vitimação por *stalking* pós-rutura e a sintomatologia psicopatológica (ansiedade e depressão). Tal como se ilustra na Tabela 3, foram encontradas correlações positivamente significativas entre a vitimação por *stalking* e a sintomatologia psicopatológica avaliadas, sendo que níveis superiores de vitimação por *stalking* estavam associados a níveis superiores de sintomatologia ansiosa e sintomatologia depressiva.

Tabela 3

Stalking Pós-Rutura e Sintomatologia Psicopatológica: Análises de Correlação

	1	2	3
1. IVS_Total	1	-	-
2. BSI_Ans	.229**	1	-
3. BSI_Dep	.152*	.744***	1

Nota. Os valores apresentados representam *Coefficientes de correlação de Pearson*; * $p > .05$; ** $p > .01$; *** $p > .001$

Vitimação por *stalking* pós-rutura, sintomatologia psicopatológica e suporte social online: Testes de moderação

Considerando a amostra total, foram testados dois modelos de moderação. Contudo, não foi possível identificar efeitos de moderação estatisticamente significativos do suporte social online na relação entre vitimação por *stalking* e a sintomatologia psicopatológica (cf., Tabelas 4 e 5). Não obstante, foram identificados efeitos diretos da vitimação por *stalking* pós-rutura na predição da sintomatologia ansiosa e depressiva, assim como do suporte informacional online na sintomatologia ansiosa.

Tabela 4

Vitimação por Stalking Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Ansiedade) e Suporte Social Online; N = 200

	R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	p
BSI_Ans				1.01	.01
		4.42		.07	.16
	.06	(3,196)	.005	-.02	.23
				1.11	.003
		4.84		.08	.10
	.07	(3,196)	.003	-.02	.106
	.08		.00	1.10	.002

ESSO_SInf		5.77		.10	.03
IVS_Tot * ESSO_SInf		(3,195)		-.03	.10
IVS_Tot				1.04	.00
ESSO_SInst	.07	5.06	.002	.06	.130
IVS_Tot * ESSO_SInst		(3,196)		-.03	.053

Tabela 5

Vitimação por Stalking Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Depressão) e Suporte Social Online; N = 200

	R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	p
IVS_Tot		2.06		.70	.124
ESSO_SEmoc	.03	(3,196)	.11	-.03	.641
IVS_Tot * ESSO_SEmoc				-.01	.485
IVS_Tot		2.46		1.01	.02
ESSO_CompSoc	.04	(3,196)	.06	.03	.60
IVS_Tot * ESSO_CompSoc				-.03	.12
IVS_Tot		1.99		.78	.05
ESSO_SInf	.03	(3,195)	.12	.03	.59
IVS_Tot * ESSO_SInf				-.02	.32
IVS_Tot		2.21		.77	.02
ESSO_SInst	.03	(3,196)	.09	.01	.82
IVS_Tot * ESSO_SInst				-.02	.20

Posteriormente, foram também testados os mesmos modelos de moderação numa subamostra de vítimas. De referir que o critério para definir ‘vítima’ envolveu a experiência de, pelo menos, um comportamento de vitimação por *stalking*.

À semelhança do registado na amostra geral, também neste caso não foram identificados efeitos de moderação estatisticamente significativos do suporte social *online* na relação entre vitimação por *stalking* pós-rutura e sintomatologia psicopatológica. Ainda assim, também neste caso foram identificados efeitos diretos estatisticamente significativos, nomeadamente da vitimação por *stalking* na predição da sintomatologia ansiosa.

Tabela 6

Vitimação por Stalking Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Ansiedade) e Suporte Social Online; N = 88

	R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	p
IVS_Tot		1.72		1.29	.04
ESSO_SEmoc	.06	(3,84)	.17	.17	.15
IVS_Tot * ESSO_SEmoc				-.04	.13
IVS_Tot	.06	1.70	.17	1.27	.03

ESSO_CompSoc		(3,84)		.15	.20
IVS_Tot * ESSO_CompSoc				-.04	.12
IVS_Tot		1.99		1.33	.02
ESSO_SInf	.07	(3,84)	.122	.19	.10
IVS_Tot * ESSO_SInf				-.04	.08
IVS_Tot		1.75		1.02	.04
ESSO_SInst	.06	(3,84)	.16	.10	.38
IVS_Tot * ESSO_SInst				-.04	.14

Tabela 7

Vitimação por Stalking Pós-Rutura, Sintomatologia Psicopatológica (Depressão) e Suporte Social Online; N = 88

	R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	p
IVS_Tot		1.24		.76	.24
ESSO_SEmoc	.04	(3,84)	.30	-.01	.92
IVS_Tot * ESSO_SEmoc				-.02	.58
IVS_Tot		1.63		1.02	.10
ESSO_CompSoc	.05	(3,84)	.19	.03	.78
IVS_Tot * ESSO_CompSoc				-.03	.29
IVS_Tot		1.08		.76	.20
ESSO_SInf	.04	(3,84)	.36	.02	.86
IVS_Tot * ESSO_SInf				-.02	.55
IVS_Tot		1.43		.74	.15
ESSO_SInst	.05	(3,84)	.24	.004	.97
IVS_Tot * ESSO_SInst				-.02	.46

Discussão

No âmbito da vasta literatura que explora as experiências de violência nas relações de intimidade, na sua generalidade, o foco da investigação científica recai no impacto psicopatológico das vítimas e o mesmo se constata relativamente ao *stalking* pós-rutura. Por outro lado, verifica-se um esforço crescente da comunidade científica no que concerne aos fatores protetores que poderão influenciar de forma positiva o impacto negativo dos cenários de vitimação, particularmente o suporte social *online*. No contexto nacional, ainda é escassa a investigação neste âmbito, sendo importante compreender de que forma este tipo de suporte se afigura como fator protetor face a experiências de vitimação nos múltiplos contextos relacionais, principalmente no *stalking* pós-rutura. É ainda essencial reconhecer o poder e o avanço das tecnologias e, deste modo, reconhecer o suporte social *online* como um mecanismo inovador e potencializador, características que justificam a relevância do estudo e o afigura como contributo importante nesta área da investigação atendendo à importância que

o suporte social *online* acarreta como um potencial “amortecedor” de impactos mais agravados (Banyarda et al., 2017). Nesta sequência, o objetivo principal do presente estudo consistiu em analisar o papel moderador do suporte social *online* na relação entre vitimação por *stalking* pós-rutura e sintomatologia psicopatológica (i.e., sintomatologia depressiva e ansiosa).

No que concerne a primeira hipótese apresentada, a mesma postula que a experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura está positivamente correlacionada com a sintomatologia psicopatológica, isto é, níveis superiores de vitimação por *stalking* pós-rutura estão associados a níveis superiores de sintomatologia ansiosa e sintomatologia depressiva, verificando-se que os resultados obtidos corroboram a hipótese supramencionada. Estes dados são congruentes com a investigação neste domínio que evidencia de forma consistente que estas experiências podem resultar num significativo sofrimento psíquico, uma vez que intervêm com o normal funcionamento da vítima (Matos et al., 2019; Spitzberg, 2016). Neste âmbito, é de referir um estudo internacional realizado por Blaauw e os seus colaboradores (2002), com uma amostra na sua maioria composta por vítimas de *stalking* pós-rutura, que expressou pontuações médias relativas às escalas para sintomas somáticos, ansiedade e depressão. Adicionalmente, um estudo realizado ao nível nacional evidencia que 92,1% das vítimas refere que a conduta violenta do ex-parceiro influenciou de forma negativa a sua vida (Ferreira & Matos, 2013b). Efetivamente, a vitimação por *stalking* pode promover medo, hipervigilância, desconfiança e sentimentos de abandono, desespero, falta de controle (Matos & Ferreira, 2018) e potenciais distúrbios psicopatológicos, particularmente sintomas depressivos, perturbações de ansiedade e perturbação de stresse pós-traumático (Grangeia & Matos, 2010; Matos & Ferreira, 2018; Spitzberg, 2016). Assim, considerando a literatura disponível neste domínio e perante os resultados obtidos, é verossímil constatar a presença de consequências emocionais e psicológicas associadas a este tipo de experiência (Logan et al., 2006).

A investigação científica é consistente quando afirma que a existência de um relacionamento romântico anterior com um(a) *stalker* está associado a experiências de vitimação mais graves, representando o tipo mais frequente de assédio persistente (Sheridan & Lyndon, 2012). Deste modo, a relação prévia entre a vítima e o(a) *stalker* constitui um preditor significativo da diversidade de comportamentos e da duração da violência (Matos et al., 2019; Sheridan & Lyndon, 2012). A intensificação do impacto psicológico nestas vítimas pode ser explicada pelas dinâmicas específicas deste fenómeno de violência, que inclui a recorrência das condutas, a persistência, a perceção de ameaça explícita e, em particular, a imprevisibilidade dos comportamentos (Mullen et al., 2001; Sheridan & Lyndon, 2012). A

informação anterior pode ser justificada à luz do conhecimento que o(a) *stalker* detém sobre a vítima, como por exemplo as rotinas, vulnerabilidades e, na maioria das vezes, a maior facilidade em conseguir entrar em contacto com a mesma. Ainda é possível afirmar que existe não só um maior risco de reincidência e persistência (Logan & Walker, 2009; Mullen et al., 2001), como também é importante considerar o risco de violência potencialmente letal (Matos & Ferreira, 2018).

A segunda hipótese postula que o suporte social *online* modera a relação entre a experiência de vitimação por *stalking* pós-rutura e sintomatologia psicopatológica, esperando-se que os efeitos da sintomatologia neste tipo de vitimação sejam menores em condições de elevado suporte social *online*. Todavia, e considerando a amostra global, os resultados obtidos neste estudo não evidenciam efeitos de moderação estatisticamente significativos de suporte social *online* na relação entre *stalking* e sintomatologia e, consequentemente, não é possível confirmar a segunda hipótese em estudo. No entanto, verificaram-se efeitos diretos da vitimação por *stalking* pós-rutura na predição da sintomatologia ansiosa e depressiva, assim como do suporte informacional *online* na sintomatologia ansiosa. Na sequência da ausência de resultados relativamente ao papel moderador do suporte social *online* na amostra geral, considerou-se pertinente a realização de análises, considerando apenas uma subamostra composta por vítimas, (considerando o critério para definir ‘vítima’ a experiência de, pelo menos, um comportamento de vitimação por *stalking*). Ainda assim, os resultados obtidos não evidenciam efeitos de moderação estatisticamente significativos de suporte social *online* na relação entre *stalking* pós-rutura e sintomatologia. Para além disto, à semelhança dos resultados da amostra global, foram identificados efeitos diretos estatisticamente significativos da vitimação por *stalking* pós-rutura na predição da sintomatologia ansiosa.

Efetivamente, a ausência de resultados relativamente à moderação não vai ao encontro da investigação que tem evidenciado o papel protetor do suporte social, nomeadamente, presencial. A investigação científica desenvolvida no âmbito do suporte social concluiu que este fator protetor é capaz de reduzir diversos transtornos psicológicos, nomeadamente a depressão e a ansiedade (Cole et al., 2017). Adicionalmente, o suporte social pode reduzir a sintomatologia desenvolvida em situações de crise, particularmente em contextos de vitimação e, neste sentido, inibir o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (Banyard et al., 2017). No que concerne ao suporte social, em contexto de vitimação por *stalking*, não existe muita investigação. Todavia, no âmbito de um estudo nacional desenvolvido por Ferreira e Matos (2013b), com vítimas de *stalking* pós-rutura, que avaliou o tipo de estratégias de *coping* empregues, foi possível concluir que as vítimas recorriam, na sua

maioria, ao suporte social, procurando suporte junto de amigos ou familiares e junto de autoridades policiais ou judiciais. Num estudo mais recente levado a cabo por Matos e os seus colaboradores (2019), as vítimas de *stalking* recorreram, principalmente, a suporte informal, procurando suporte junto de amigos e familiares.

Na análise destes resultados, importa refletir sobre algumas limitações do estudo que poderão ser, também, explicativas destes resultados. Em primeiro lugar, são de referir as características da amostra que se apresenta excessivamente homogénea, nomeadamente, em termos sociodemográficos (e.g., sexo, idade, distrito de residência). Em estudos futuros, propomos que esta limitação seja transposta, através da diversificação das estratégias de divulgação e recolha de dados. Adicionalmente, a aplicação de medidas de autorrelato para medir os construtos pode ser considerada uma limitação, pelas mesmas serem sensíveis a fragilidades como a desejabilidade social e/ou falhas de memória. De igual modo, o facto de a recolha de dados ter decorrido em modalidade *online*, poder-se-á afigurar como uma das limitações do estudo. Mais especificamente, dificuldades relativas ao manuseamento das tecnologias que poderão ter influenciado o processo de resposta ao questionário, a impossibilidade de os participantes obterem explicações momentâneas dos investigadores acerca de eventuais dúvidas ou dificuldades associadas à participação, bem como a impossibilidade de controlar o ambiente no qual os participantes responderam ao estudo.

Outra limitação a salientar prende-se com a medida utilizada para a avaliação do suporte social *online* não estar adaptada para a população portuguesa e, por este motivo, poderá ter comprometido os resultados obtidos. Concomitantemente, será, ainda de considerar a medida aplicada para avaliar a experiência de vitimação por *stalking* pelo facto de que o IVS, apesar de se encontrar validado para a população portuguesa, trata-se de uma versão reduzida (constituído por 11 itens/comportamentos e que permite apenas o cálculo de um score global de vitimação) o que, por este motivo, poderá ter influenciado a medida de avaliação de *stalking*. Considerando a natureza ampla, complexa e diversificada das estratégias de vitimação por *stalking*, é possível que só medidas mais amplas e completas estejam eficazmente capazes de medir tal experiência como, por exemplo o Inventário de Comportamentos de *Stalking* (ICS), também adaptado para a população portuguesa. Especificamente, e ao contrário do IVS, o ICS abrange comportamentos de *stalking* mais diversificados (36 itens/comportamentos), agrupados em três tipos: Cortejamento & Aproximação (i.e., estratégias de comunicação e/ou contacto com o objetivo de expressar afeto ou outros sentimentos;), Assédio & Invasão (estratégias para obter informações sobre a vítima, invadir a sua privacidade ou individualidade) e Ameaças & Violência (ações

interpostas para influenciar o comportamento da vítima ou provocar dano real) (Grangeia & Matos, 2008). É ainda importante mencionar que no presente estudo não recorremos ao ICS devido a questões relacionadas com a extensão do protocolo.

Adicionalmente, é do nosso conhecimento que o IVS não inclui a dimensão *online*, uma vez que se apresenta como uma medida mais breve. Todavia, importa referir que o contexto *online* é, muitas vezes, um contexto de vitimação para estas vítimas. Assim, alguns autores consideram o *cyberstalking* como um subconjunto ou uma extensão do comportamento tradicional de *stalking* devido ao impacto negativo na saúde mental que pode incluir medo, ansiedade, perturbação de stress pós-traumático, distúrbios de sono e/ou alimentares, pesadelos recorrentes, hipervigilância, sensação de estar permanentemente vigiado(a) e diminuição do sentimento de segurança (Worsley et al., 2017).

Por último, outra limitação a constatar está associada aos riscos relacionados com as redes sociais. Aqui, será relevante considerar a intervenção com vítimas de *stalking* e as possíveis medidas de segurança, pois, não raras vezes, a intervenção com este grupo específico de vítimas, independentemente do contexto de ocorrência dos comportamentos, pressupõem a adoção de um plano de segurança pessoal. Deste modo, alguns autores orientaram um conjunto de estratégias para garantir a segurança das vítimas de *stalking*, entre as quais se afigura a não resposta a qualquer tipo de interação que o(a) *stalker* possa tentar, entre os quais os meios *online* (Matos et al., 2011b) e, conseqüentemente, poderá verificar-se um afastamento das vítimas do contexto *online*, acabando por comprometer a eficácia do suporte social *online*. Posto isto, inevitavelmente, as vítimas encontram-se em menos risco, mas também estão menos aptas a receber suporte no contexto *online*, pois não excluem apenas as interações *online* com o(a) *stalker*, mas também com aqueles(as) que lhes pretendem dar suporte.

Finalmente, em termos de estudos futuros, é fundamental um investimento contínuo nos processos explicativos do impacto deste tipo de vitimação que possam fornecer pistas importantes para a prática neste domínio, no sentido de ajustar as especificidades destas vítimas. Por fim, existe uma ampla investigação científica que atribui o suporte social como um fator protetor e amortecedor eficaz face ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica recorrente de cenários de crise. Em contrapartida, no que concerne o suporte social *online*, dada a escassez de estudos, nomeadamente a nível nacional, considera-se importante um maior investimento da comunidade científica no papel específico deste recurso e no que este se pode (ou não) diferenciar do suporte social presencial.

Pese embora as limitações do presente estudo, são de considerar importantes implicações para a prática neste domínio. Assim, no que concerne as dimensões da prevenção e da intervenção nos cenários de vitimação, será significativo mobilizar o suporte social *online* para a prática profissional, atendendo a que estas estratégias sejam orientadas de modo a reduzir o impacto psicológico da violência. Deste modo, afigura-se necessário a educação dos profissionais para trabalhar com o suporte social *online* e, adicionalmente, a elaboração de protocolos que fomentem a integração deste recurso nas suas práticas. Porém, recuperando a literatura que integra as estratégias de segurança designadas para as vítimas de *stalking*, particularmente, as medidas que incluem o afastamento destas do contexto *online*, será crucial um maior investimento por parte dos profissionais de modo a também considerar o suporte social *online* nestas vítimas.

Em suma, a presente investigação apresenta-se como uma oportunidade para os investigadores avaliarem a magnitude do papel protetor do suporte social *online*, no sentido de contribuir para a maior consistência da literatura neste domínio, considerando a atenção conferida a nível internacional e o facto de este ser um recurso cada vez mais acessível.

Referências bibliográficas

- Banyard, V., Hamby, S., & Grych, J. (2017). Health effects of adverse childhood events: Identifying promising protective factors at the intersection of mental and physical wellbeing. *Child Abuse & Neglect*, 65, 88–98. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.01.011>
- Blaauw, E., Winkel, F., Arensman, E., Sheridan, L., & Freeve, A. (2002). The toll of stalking: The relationship between features of stalking and psychopathology of victims. *Journal of Interpersonal Violence*, 17, 50-63. DOI: [10.1177/0886260502017001004](https://doi.org/10.1177/0886260502017001004)
- Brewster, M. (2002). Trauma Symptoms of Former Intimate Stalking Victims. *Women & Criminal Justice*, 13, 141-161. DOI: [10.1300/J012v13n02_0](https://doi.org/10.1300/J012v13n02_0)
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Stress, Social Support, and the Buffering Hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-375. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>
- Cole, D. A., Nick, E. A., Zelkowitz, R. L., Roeder, K. M., & Tzneli, T. (2017). Online social support for young people: Does it recapitulate in-person social support; can it help? *Computers in Human Behavior*, 68, 456–464. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.11.058>
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38(5), 300–314. <https://doi.org/10.1097/00006842-197609000-00003>
- Costa, E., & Gomes, S. (2018). Social Support and Self-Esteem Moderate the Relation Between Intimate Partner Violence and Depression and Anxiety Symptoms Among Portuguese Women. *Journal of Family Violence* 33, 355-368. <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10896-018-9962-7.pdf>
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of facebook “friends:” Social capital and college students’ use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1143–1168. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x>
- Ferreira, C., & Matos, M. (2020). Stalking in Portugal: From numbers to the new challenges. In H. C. O. Chan & L. Sheridan (Eds.), *Psycho-Criminological Approaches to Stalking Behavior: An International Perspective* (pp. 209-226). NY: Wiley.
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013a). Post-Relationship Stalking: The Experience of Victims With and Without History of Partner Abuse. *Journal of Family Violence*, 28(4), 393–402. <https://doi.org/10.1007/s10896-013-9501-5>
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013b). Violência doméstica e stalking pós-rutura: dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *PSICOLOGIA*, 17(2), 81-106.

<https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.63>

- Gaysynsky, A., Romansky-Poulin, K., & Arpadi, S. (2015). "My YAP Family": Analysis of a Facebook Group for Young Adults Living with HIV. *AIDS and Behavior*, 19(6), 947–962. <https://doi.org/10.1007/s10461-014-0887-8>
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e Controvérsias. In C. Machado (Coord.), *Novos formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Psiquilíbrios Edições.
- Grangeia, H., Matos, M., & Machado, C. (2008). Inventário de Comportamentos de Stalking. In C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, V. Ramalho, & S. Martins (Eds.), XII Atas do Congresso Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Braga: Psiquilíbrios Edições
- Indian, M., & Grieve, R. (2014). When Facebook is easier than face-to-face: Social support derived from Facebook in socially anxious individuals. *Personality and Individual Differences*, 59, 102–106. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.11.016>
- Liang, B., Goodman, L., Tummala-Narra, P., & Weintraub, S. (2005). A Theoretical Framework for Understanding Help-Seeking Processes Among Survivors of Intimate Partner Violence. *American Journal of Psychology* 36(12), 71-84. <https://doi.org/10.1007/s10464-005-6233-6>
- Longman, H., O'Connor, E., & Obst, P. (2009). The Effect of Social Support Derived from World of Warcraft on Negative Psychological Symptoms. *Cyberpsychology & Behavior*, 12(5), 563-566. DOI: [10.1089/cpb.2009.0001](https://doi.org/10.1089/cpb.2009.0001)
- Logan, TK., & Walker, R. (2009). Partner Stalking: Psychological Dominance or "Business as Usual"? *Trauma, Violence and Abuse*, 10(3), 247-270. <https://doi.org/10.1177/1524838009334>
- Logan, TK., Shannon, L., Cole, J., & Walker, R. (2006). The impact of differential patterns of physical violence and stalking on mental health and help-seeking among women with protective orders. *Violence Against Women*, 12(9), 866-886. DOI: [10.1177/1077801206292679](https://doi.org/10.1177/1077801206292679)
- Matos, M., & Ferreira, C. (2018). Stalking in Portugal: A glance at concepts, politics and practices. In C. Villacampa (Coord.), *Stalking: Análisis Jurídico, Fenomenológico y Victimológico* (pp. 85-113). Navarra: Thomson Reuters Aranzadi.
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011a). Inquérito de Vitimação por Stalking. Relatório de Investigação [Stalking Victimsation Survey. Research Report]. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1822/31235>
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011b). Stalking: Boas práticas no apoio

- à vítima: manual para profissionais. *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género* (CIG). <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/Stalking.pdf>
- Matos, M., Grangeia, H., Ferreira, C., Azevedo, V., Gonçalves, M., & Sheridan, L. (2019). Stalking victimization in Portugal: Prevalence, characteristics, and impact. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57, 103-115. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2019.03.005>
- McFarlane, J., Campbell, J., & Watson, K. (2002). Intimate Partner Stalking and Femicide: Urgent Implication for Women's Safety. *Behavioral Sciences and the Law*, 20, 51-68. DOI: [10.1002/bsl.477](https://doi.org/10.1002/bsl.477)
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behaviour. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35(1), 9-16. <https://doi.org/10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x>
- Nick, E., Cole, D., Cho, S., Smith, D., Carter, T., & Zelkowitz, R. (2018). The Online Social Support Scale: Measure development and validation. *Psychological Assessment*, 30(9), 1127–1143. <https://doi.org/10.1037/pas0000558>
- Nguyen, L., Spitzberg, B., & Lee, C. (2012). Coping With Obsessive Relational Intrusion and Stalking: The Role of Social Support and Coping Strategies. *Violence and Victims*, 27(3), 414-433. DOI: [10.1891/0886-6708.27.3.414](https://doi.org/10.1891/0886-6708.27.3.414)
- Ogbe, E., Harmon, S., Bergh, R., & Degomme, O. (2020). A systematic review of intimate partner violence interventions focused on improving social support and/ mental health outcomes of survivors. *PLoS ONE*, 15(6). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0235177>
- Pathé, M., Mullen, P., & Purcell, R. (2001). Management of victims of stalking. *Advances in Psychiatric Treatment*, 7, 399-406. <https://doi.org/10.1192/apt.7.6.399>
- Reich, S., Subrahmanyam, K., & Espinoza, G. (2012). Friending, IMing, and hanging out face-to-face: Overlap in adolescents' online and offline social networks. *Developmental Psychology*, 48(2), 356-368. [http://dx.doi.org/10.1037/a0026980](https://doi.org/10.1037/a0026980)
- Siqueira, M. (2008). Construção e validação da escala de percepção de suporte social. *Psicologia Em Estudo*, 13(2), 381–388. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>
- Sheridan, L., & Lyndon, A. (2012). The influence of prior relationship, gender, and fear on the consequences of stalking victimization. *Sex Roles*, 66(5), 340-350. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9889-9>
- Spitzberg, B. (2016). Stalking/ Obsessive Relational Intrusion. *The International Encyclopedia of Interpersonal Communication*. <https://doi.org/10.1002/9781118540190.wbeic089>

- Spitzberg, B., & Cupach, W. (2007). The state of the art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and violent Behavior*, 12(1), 64-86. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.05.001>
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2011). Online communication among adolescents: An integrated model of its attraction, opportunities, and risks. *Journal of Adolescent Health*, 48(2), 121–127. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2010.08.020>
- Worsley, J., Wheatcroft, J., Short, E., & Corcoran, R. (2017). Victims' voices: Understanding the emotional impact of cyberstalking and individuals' coping responses. *SAGE Open*, 1–13. <https://doi.org/10.1177/2158244017710292>